

**P**ara muitos, o atual estágio da crise brasileira já se afigura como a antecedência da hecatombe final. Estamos no túnel onde não se vislumbra nenhuma luz. Ou também, num processo sem saída de crise permanente. Dentro de uma visão menos desesperadora, talvez se possa anunciar que não existe crise permanente. Se existisse, com certeza não seria crise. Noutras palavras, não há cativo que não possa sonhar com sua emancipação e liberação. No caso brasileiro, o presente momento é importante para levantar o moral de nossa inteligência nacional, da mesma forma como se levanta o moral da tropa nos momentos de combate. O derrotismo, faz seguramente parte da estratégia dos dominadores.

Partindo deste ponto de vista, ou seja, de condenação do derrotismo, isto não significa que o país deva continuar dando ouvido ao canto das sereias. Pragmaticamente deve ser ativado o debate sobre nossas dificuldades. Mostrar o impasse a que tem levado o país, o modelo político-econômico vigente. E inclusive prova de consciência cívica a denúncia da anarquia e da heterogeneidade de nossa velha política de tapaburaco, o "jeitinho brasileiro" e a improvisação irresponsável.

Que não se perca de vista o insucesso por exemplo da nossa atual política agrícola, apesar do quantitativo obtido com a diversificação e elevação da produtividade. Resultados parcialmente positivos, mas logo anulados. Anulados porque no plano interno não foram acompanhados da transformação de nossas arcaicas estruturas econômico-sociais. A modernização do campo ao invés de amenizar as injustiças e disparidades, reforçou, aprofundou mesmo, as contradições e antagonismos existentes. Em plena caminhada rumo à modernização o crescimento nacional tem sido extremamente desigual e deformador. Nada se faz para substituir as receitas, os pacotes de até agora. Além de incompletos e paliativos, são desajustados. Posterga o sistema atual a gerações futuras o preço e a culpa da sua incompetência.

Recursos minerais não dão duas safras. Acabada Carajás, acabou-se Carajás. O homem tampouco parece ter duas vidas, para gozar na futura os frutos da exploração da sua força de trabalho no presente. E se os fatos não escondem que esta é a realidade, por que então repisar que a saída de nossa crise está é no modelo exportador, que até o presente nenhuma solução apresentou. Pelo contrário, tal modelo tem mergulhado o país mais e mais no caos. Exportar produtos agrícolas e minerais, cotados segundo critérios despoticos e especulativos das bolsas dos países centrais, não tem sido medida razoável. Ter

# Dissociar-se: um modelo de saída para nossa crise

A crise brasileira não é um túnel sem saída. O "jeitinho brasileiro" e a improvisação irresponsável devem dar lugar a um esforço otimista da intelectualidade, dos políticos e do próprio povo. O derrotismo faz parte da estratégia dos dominadores e deve ser repellido em nome de alternativas à matriz imperialista. Em lugar do modelo exportador e dos paliativos propostos pelo sistema internacional, o país deveria buscar a integração regional com seus vizinhos, reunindo forças para enfrentar os países centrais.

Argemiro Procópio Filho \*

antes que se vender, para conseguir colocar no mercado dos países centrais alguns poucos produtos industrializados, e assim vencer o protecionismo, parece igualmente não valer a pena. Continuar plaudindo por melhores safras às expensas da intensificação da exploração da força de trabalho a custos sociais tão altos como os que aqui são conhecidos, até mesmo a moral e ética cristã próxima do capitalismo condena.

A esperança de vida das populações rurais, o baixo nível de sua qualidade de vida, os salários irrisórios do trabalhador e o desemprego na zona urbana são realidades impossíveis de serem camufladas. Por que então privilegiar a exportação, ao invés do reforço e incentivo ao mercado interno. Por que honrar compromissos com dívidas, que vistas de um prisma moral já foram regamente pagas através dos mecanismos de exportação via evasão de nossas riquezas. É tempo de acreditar que a sociedade brasileira tem competência e força suficiente para se livrar da matriz im-

posta pelo imperialismo dos países centrais. Que se acredite então na coragem cívica dos militares, da intelectualidade e do próprio povo. Que se acredite na existência e presença no país de potencialidades que proporcionarão criação de bases para um dinamismo setorial em função do incentivo a novas políticas econômico-sociais. Que se lembre igualmente da possibilidade de cooperação com os países vizinhos através da integração regional. Integração regional que sem dúvida permitirá nosso desenvolvimento harmônico e aglutinação de forças para um vitorioso confronto com os países centrais. Para sua viabilidade é importante lançar mão de recursos de ordem histórica. Valorizar a memória nacional, e através dela destruir mitos de incompetência. O imperialismo cultural está intimamente articulado ao imperialismo econômico. Daí o fato de ser tão usual o menosprezo da competência e capacidade do povo para vencer obstáculos e sair da crise. Ou também, não se permitir a um povo utilizar de sua capacidade criadora para a emancipação nacional.

Um dos maiores momentos de prosperidade econômica do Brasil e seu grande surto de industrialização ocorreu precisamente quando os países centrais digladiavam entre si. Ocupados em produzir prioritariamente para projetos hegemônicos através de conquistas bélicas, permitiram provisoriamente um acúmulo de reservas. Começou-se então a fabricar aqui o que antes era obrigatoriamente importado. Foi o caso da I. e II Grande Guerra.

Nas primeiras décadas do nosso século, pareciam ser as altas e baixas das cotações do café que decidiam o rumo de nossa economia. Em cima de um produto apenas se tiravam as explicações da nossa prosperidade ou fraqueza. Propositamente era esquecida a razão da debilidade estrutural da economia de então. Hoje o marco de referência para o impasse econômico nos países periféricos encontrou um excelente bode expiatório. O bode expiatório foi o petróleo, e como petróleo a crise da escassez, como normalmente se diz. O fato é que países exportadores de

petróleo como o México, Venezuela e Equador são também atingidos. Estão mergulhados em crise tão profunda quanto a nossa. A Argentina é auto-suficiente em matéria de produção petrolífera e está falindo. Cada país encontra seu bode expiatório, mas não se chega à raiz do problema.

Não é difícil demonstrar através de dados bem analisados, que o problema não é de escassez, mas sim de má distribuição associada a uma estrutura administrativa corrupta. Quanto ao petróleo, seu aumento em verdade significou foi um reajuste abrupto do produto à inflação mundial. Isso mostra que sempre se encontra argumentos fáceis para responsabilizar as crises. O fundamental é desvirtuar a atenção das verdadeiras causas e motivos.

Pouco se dirá da fragilidade do nosso modelo industrial centrado na produção de bens de consumo de luxo. Estaremos pagando pela «opção» por uma industrialização exógena e imprópria à nossa realidade social. Penando por uma tecnologia até lá talvez por nós matizada, mas que fundamentalmente pouco contribuiu para nosso desenvolvimento no sentido estrito da palavra. A verdade é que a tecnologia de ponta não chegou. Tampouco virá com a indústria automobilística e outras indústrias de luxo que o capitalismo dos países centrais aqui instalou. Transferiram ao nosso povo as nefastas consequências dos males da poluição. Através da exploração de uma mão-de-obra barata obrigam nossa população a subserviência, sem que esta sequer possa impedir a remessa de lucros que constantemente sangra a nação.

Não bastou o país pagar para que outros países desenvolvam tecnologias que em seguida será revendida ao país, como o caso do acordo nuclear Brasil-Repubblica Federal da Alemanha. Servimos constantemente de laboratório para o experimento de produtos químicos para agricultura. Vendidos por países capitalistas altamente desenvolvidos tais produtos com frequência não foram testados para seu uso na agricultura tropical. Paga-se para desenvolver uma tecnologia agrícola exógena. Esta é a razão porque muito da pesquisa agropecuária brasileira favorece de fato são às multinacionais.

A comunidade científica nacional tem sido sistematicamente aliada. Quando consultada é mais para referenciar ou desempenhar papel de secundária importância. Não bastasse o menosprezo para com tal comunidade, as relações sob o signo do imperialismo impedem através de diferentes mecanismos a intensificação da produção científica brasileira. Isto através do brain-drain de cientistas, suborno de técnicos, da alienação de nossas universidades, até empecilhos de ordem aparentemente técnica, intransponíveis pela própria burocracia do sistema dependente.

Diante do exposto, resumindo, há que se confiar nas chances de uma saída da crise presente sem perda da dignidade nacional. Apesar do quadro sombrio, que se acredite na possibilidade da resolução do impasse, porque o Brasil enquanto Estado-Nação ainda tem potencialidades para tal. O instrumento metodológico alternativo que parece viável é o de um modelo dissociativo. Ou seja, no plano externo rompimento total com outras sociedades e sistemas que escravizam e tornam dependente nossa economia e nossa sociedade. Uma verdadeira virada histórica, e em todos os planos. Repúdio da ideologia aqui implantada por um sistema político que pouco diz à Nação. Autocrítica para o rechaço a propostas totalitaristas cuja experiência em outros países tampouco tem levado à verdadeira emancipação. Trocar de senhor não basta. Sair da órbita dos Estados Unidos da América para entrar na órbita Soviética não é a proposta da dissociação.

Aos países que por imposição histórica, e não por fatalidade, sempre estivemos e fomos obrigados dar às costas, passar dar às mãos e caminhar juntos. Estreita cooperação com os vizinhos e irmãos de cultura latino-americanos e outros países do Terceiro Mundo não é impossível.

Mas para tal, é preciso mudar as relações igualmente no plano interno. Denunciar tão somente a expropriação por parte dos países centrais, das riquezas do país, quando parecida injustiça continua impune no plano interno através da exploração de classes, não basta. Por isto, um plano de edificação e reconciliação nacional dentro da filosofia do plaudido modelo político-econômico dissociativo começa por uma profunda reflexão e autocrítica da base ao vértice da pirâmide social nacional. Nossa elite dirigente ou cabeça de ponte de nossa sociedade, muito mais integrada ao modus vivendi europeu e norte-americano, por opção consciente deverá abandonar seus egoísmos e privilégios. Para tal, provavelmente uma revolução cultural à brasileira no Brasil, é uma necessidade. Aqui na sociedade brasileira, sem o culto a personalidade, sem chauvinismo e com muito respeito à Nação cuja vocação histórica é de sua integração no contexto latino-americano.

De tal integração dependerá nossa soberania e independência econômica do presente ao futuro. Ou também, a manutenção do status de uma economia nacional cativa e da imagem de um país pedinte no cenário internacional como o nosso está sendo forçado a ser na atualidade.

ARGEMIRO PROCÓPIO FILHO  
Doutor em Sociologia pela  
Universidade de Berlim e Professor  
na Universidade de Brasília